

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/2000- ANO IV - Nº 41

EDITORIAL

Piquete está comemorando seu último aniversário do século. Há motivos para comemorações? Com ressalvas, sim. Quais seriam essas? Vejamos: podemos configurar como nossa primeira identidade a época em que nos transformamos em Vila. Uma vila muito pobre, tipicamente valeparaibana, que praticamente se sustentava nos alicerces da cafeicultura, cujo fim estava próximo em todo o Vale. As perspectivas para o futuro da novel Vila eram sombrias. O que se prenunciava e mais tarde se confirmou foi a decadência do Vale do Paraíba, a ponto de ser considerado “o Vale da miséria”. Obviamente, aí estávamos incluídos.

A partir de 1902, com o início da construção do ramal férreo, alguma coisa começou a mudar. Em 1906, com a faina para a edificação da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, a Vila foi criando novo aspecto devido à mescla de oriundos de outros estados e até de outros países com nossos habitantes. Com a inauguração da Fábrica, em 1909, já éramos uma população de diferentes culturas a delinear novos traços na personalidade local. A Fábrica crescia e Piquete a acompanhava. Ao final da década de 30, os órgãos fabris militares passaram a dar atenção mais sistemática à vida social de seus funcionários, com a construção de residências para o operariado, hospital e farmácia para atendê-los. Vieram depois os mais variados departamentos, como os de saúde, educação, esportes e lazer, extensivos a todos os piquetenses. Esses acontecimentos açambarcaram a todos que, direta ou indiretamente, passaram a viver em função da Fábrica. Formou-se, então, a nossa segunda identidade, a de “dependentes acomodados”.

Entretanto, quando esse grande complexo industrial-militar passou a empresa mista, seus departamentos sociais extinguíram-se. Findou a época paternalista a que estávamos acostumados e, de um momento para outro, sentimo-nos como órfãos desamparados. Perdemos o rumo e as referências e, com isso, esfumou-se também nossa identidade.

Atualmente, a ausência de um sentimento para definir nossa real vocação é palpável. Falta-nos um objetivo claro para o futuro século, que já se apresenta altamente tecnológico. Para mudar o “status quo”, somente um investimento nas potencialidades dos nossos jovens é a solução. E essa incumbência cabe a nossos políticos e a toda nossa sociedade.

Mas, mesmo “sem lenço e sem documento”, vale a pena festejar.



Vila Vieira do Piquete, em 1906. Do alto, a Matriz de São Miguel, atual “Santuário das Almas”, nosso mais antigo e importante símbolo do trabalho comunitário, domina a paisagem.

A pedra angular

A pedra angular é aquela que serve de base, direciona e sustenta uma construção. Ela deve ser, portanto, resistente, compacta, sólida, forte em suas estruturas. É, entre as pedras alicerçantes, a que propõe o ajustamento das outras. É cristalina e soma muito tempo em sua estrutura geológica.

Nas construções primitivas, nas quais as pedras eram colocadas em ajustes angulares e de formas entre si, a angular sempre foi a diretriz e a básica. Daí a necessidade da boa escolha por mestre experimentado, solução passada aos aprendizes com cuidado e responsabilidade. Não é sem motivos que na passagem bíblica do Bom Pastor, no Evangelho de João, Jesus é invocado como a pedra angular, sobre a qual a Igreja estruturou sua arquitetura em forma, peso e medidas proporcionadas. À solidez da pedra juntou-se a responsabilidade do pastor que conhece as suas ovelhas e as encaminha, pois não pode perdê-las. Nesta temática, de povos nômades em ambientes áridos onde Cristo viveu e foi sacrificado, não as chuvas, mas a seca arrebenta as pedras nas variações térmicas a que se associa num intemperismo mecânico atroz, e os ventos, carregando areias, atacam como armas avassaladoras. Assim são os desertos, e neles tentam os pastores sobreviver e cuidar de seus rebanhos.

Desenha-se aí um quadro de cujo conhecimento depende a vida. Não são diferentes os quadros em que vivemos. Cada um na sua especificidade. Conhecer o seu habitat faz dos homens e mulheres seres

criativos. É para isso que a luta e a labuta unem-se em forças vivas. Conhecer implica dedicação. Mas, somente amamos o que conhecemos. Dessa forma, importar experiência alheia somente se for para melhorar a própria. Não sendo assim, é apenas cópia. E mal feita. Mas, para experimentar algo novo, é necessário estudar os ângulos básicos, os elementos da solidez do constructo, do substancial, que faz de todos argamassa de bom ponto. Senão desanda, desmorona, despersonifica. É então quando se atinge a anomia, isto é, a total perda da identidade. Perde-se o rumo. Desarranjam-se as rotas.

Mas, o que garante nossas ligações como substâncias? São as nossas tradições, nossas memórias, os relatos orais e escritos de nossos avós, o reconhecimento de nosso chão como local de origem e crescimento, nossos edifícios e monumentos, e nossas experiências em nos reconhecermos como pessoas e membros de uma comunidade. É viver as necessidades desse lugar, conceder talentos, buscar soluções, propor medidas.

Ao ensejo de mais um aniversário de nossa emancipação política reforcemos nossa pedra angular no reconhecimento das direções e dos que pretendem nos dirigir, pois as intempéries estão sempre presentes, e o modo de contorná-las depende não só de promessas fantásticas embaladas em sonoridades impostas, mas da firmeza sobre as bases. Senão, as bases ficam sem forma. Tornam-se formas vãs. Irreconhecíveis. **Dóli de Castro Ferreira**

Imagem - Memória

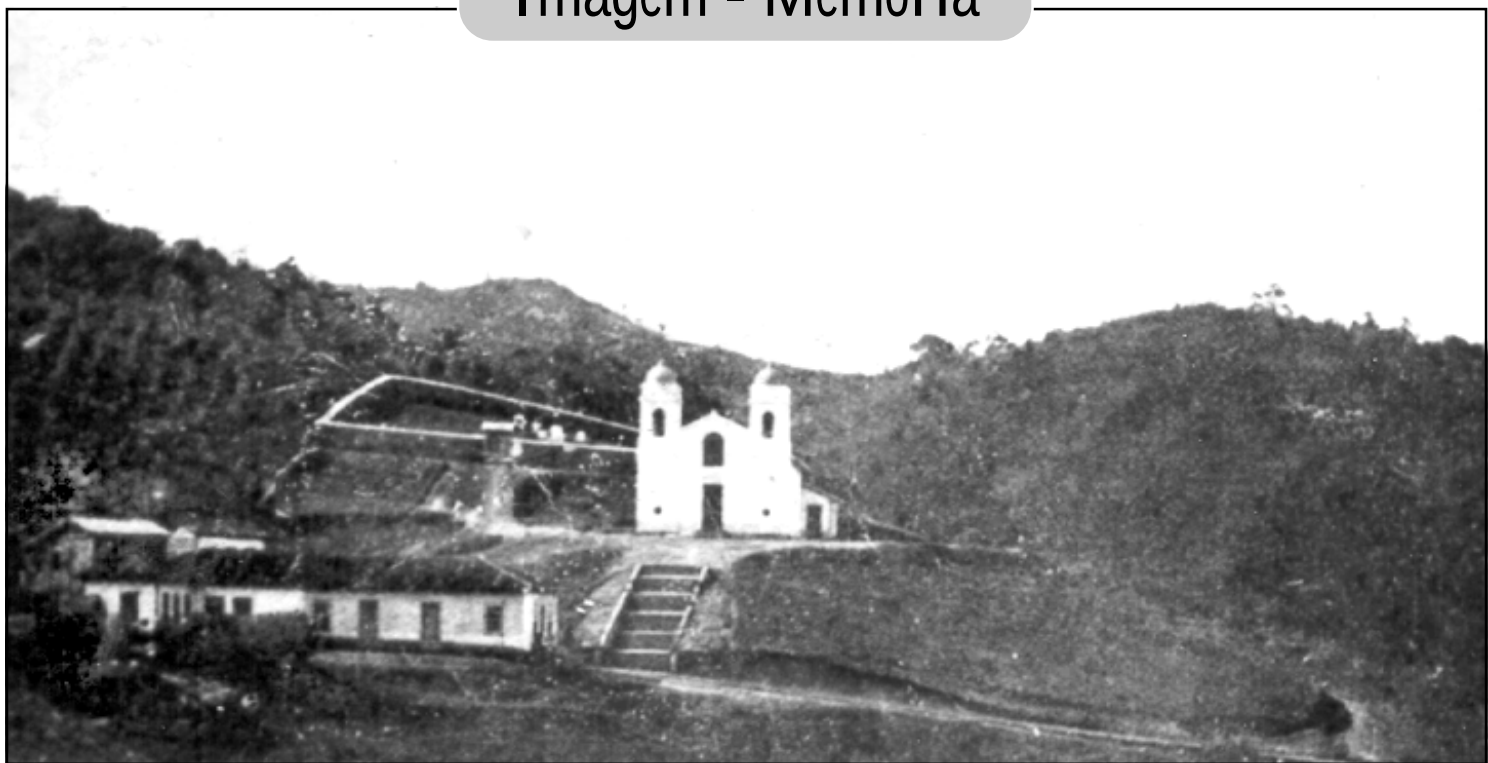


Foto arquivo Pro-Memória

Pedra angular, a Capela de São Miguel originou a Matriz. É o mais antigo e simbólico marco na emancipação de Piquete. Foto do início deste século.

A construção da Capela de São Miguel no bairro do Piquete

Ao comemorarmos os 109 anos de nossa emancipação político-administrativa, somos convidados a fazer uma análise histórica sobre as ações comunitárias que concorreram para o amadurecimento do processo político que resultou com nossa emancipação.

A Igreja teve papel fundamental nessas ações, pois desde o início das obras de construção da Capela, esta tornou-se o centro catalisador das aspirações do povo, que passou a buscar alternativas que trouxessem melhorias para o bairro do Piquete. No entanto, nos esquecemos facilmente do passado, relicário de nossas referências. E quem não tem história não tem vida, não tem referências pessoais e herança. Como diz, sabidamente, Frei Betto, dominicano, importante pensador e escritor, “esquecer é a pior forma de fazer desaparecer. Aquilo sobre o que ninguém fala, escreve, canta ou celebra em seus ritos deixa de existir. Um homem pode morrer, mas se seus descendentes guardam a memória de sua vida, de alguma forma ele sobrevive; porém, se todos o esquecem, então ele morre definitivamente.” Assim, se deixarmos tudo e todos morrerem definitivamente, não saberemos valorizar o precioso presente, presente este que entrelaça passado e futuro no dia-a-dia das experiências.

Daí a importância de resgatarmos nossa história e preservarmos o que pelos nossos predecessores foi construído. Cabe-nos, nesse 15 de junho, exaltar o espírito comunitário que sempre norteou nossa população.

Tomemos como exemplo, a construção da Capela de São Miguel: para cumprir os preceitos religiosos, os antigos moradores do bairro do Piquete não mediam esforços: visitavam, pelo menos uma vez ao ano, a igreja da Piedade, em Lorena ou se organizavam em romarias a Aparecida. Esta religiosidade levou os moradores a se reunirem com uma petição, em 1864, visando à ereção de uma Capela no Bairro do Piquete, que foi concebida conforme consta no pri-

meiro Livro do Tombo da paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Lorena, p. 86-7:

“Registro d’uma Provisão constando a ereção d’uma Capella no Bairro do Piquete, nesta Parochia”

“Dom Sebastião Pinto do Rego, por mercê de Deus da Santa Sé apostólica, Bispo de São Paulo, do Conselho de Sua Magestade o Imperador, e Commendador da Ordem de Christo, etc... etc...”

Aos que esta nossa Provisão virem, saúde e Benção em o Senhor.

Fazemos saber que atendendo nos ao que por sua Petição representou Joaquim Vieira Ferreira e vários moradores do Bairro do Piquete, districto da cidade de Lorena: Havemos por bem pela prezente concedermos faculdade para que possam erigir e fundar no dito Bairro uma Capella sob a invocação de São Miguel, com tanto que fique em lugar alto e livre de humidade, e tenha ambito em roda para poder andar Procissão, sendo o lugar designado pelo Muito Reverendo Parocho, na forma da Constituição do Bispado; e na mesma Capella não se poderá celebrar o Santo Sacrificio da Missa, e os demais officios divinos sem que esteja constituído o necessário Patrimônio, e sem nova Provisão Nossa para a qual precederá informação do mesmo Reverendo Parocho, sobre a capacidade e decencia da referida Capella. Esta será apresentada ao dito Reverendo Parocho, que a registrará no Livro do Tombo da Matriz para todo tempo constar.

Dada na Camara Episcopal de São Paulo sob o Sello de Nossas Armas, e Signal do Nosso muito Rev. Dr. Provizor e Vigário Geral, aos 20 de Dezembro de mil oitocentos e sessenta e quatro. E eu o Conego Antonio Augusto de Araujo Muniz, Escrivão da Camara Episcopal, a subscrevi.”

A autorização dependia, sempre, da existência de uma povoação. O bairro já apresentava relativo adensamento comandado pelas vias de circulação. Por sua vez, a con-

cessão exigia que a Capela estivesse construída em lugar povoado, não ermo. Assim, os moradores prestariam a necessária ajuda para tais fins. Exigia-se um edifício elevado como símbolo de autoridade, força espiritual, cabeça e centro da comunidade. Estes foram os princípios básicos da Matriz de São Miguel de Piquete. O lugar escolhido para ereção foi o alto de uma colina, às margens da Estrada de Minas.

Toda a população, por meio de mutirões, contribuiu. Rifas, quermesses e loterias foram feitas para custear as obras. Duas lideranças políticas surgiram desses encontros: o Maj. Joaquim Vieira Teixeira Pinto e o Ten. José Mariano Ribeiro da Silva, que ocuparam lugar na Câmara de Lorena, em diferentes legislaturas, sempre buscando beneficiar a comunidade de origem. O bairro se politizava. Entre as muitas reivindicações de sua comunidade estava a elevação do Bairro à Freguesia, o que aconteceu graças à Lei Provincial nº 10, de 22 de março de 1875. A partir daí a Freguesia iniciou seu crescimento e articulação política, que culminou com 15 de junho de 1891.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (0xx12) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**Seu Getúlio**

Quem nunca viu um senhor baixinho, de fala mansa, sempre de terno e chapéu, com seu andar altivo pelas ruas de Piquete?

Esse é seu Getúlio. Pessoa reconhecida e respeitada por toda nossa cidade, este senhor, nascido em Ibituruna - MG, em 17 de março de 1921, adotou Piquete há 55 anos.

Getúlio Mariano, filho de João Mariano da Silva e Leopoldina Cândido da Silva, veio para Piquete em 1945 para trabalhar na Companhia Construtora Nacional, que prestava serviços à Fábrica Presidente Vargas. Iniciou o curso noturno no Grupo da Fábrica, concluindo-o no Antônio João. Trabalhou por quase três anos como eventual e, em 1947, foi admitido como servente na 4ª Divisão de Obras da Fábrica. Ali, sempre na mesma função, passou por várias seções. Da manutenção, gosta de se lembrar do risco que corria quando era necessário desinfetar os ambientes para que ele pudesse realizar seus serviços com segurança.

Seu Getúlio é membro ativo de nossa comunidade católica: desde 1949 é congregado mariano e vicentino da Conferência de Santa Teresinha. Participa também da Legião de Maria. Foi Ministro da Eucaristia por mais de 10 anos.

Aposentado da FPV desde 1983, continuou o ofício de pedreiro até 1998, quando foi obrigado a parar por problemas de saúde. Nunca, porém, deixou de lado as obrigações sociais.

Participa de todas as atividades dos Vicentinos e visita doentes.

Como pedreiro, participou da construção das igrejas Matriz Nova, de São Vicente de Paulo, do Itabaquara, de Santa Mônica e Santa Luzia e do salão da igreja de São José

Casou-se em 16-09-1950, com Vitalina Mendes da Rosa, já falecida. Lembra-se, com carinho, do Pe. Juca – celebrante de



seu casamento. Tem um filho: Vicente Getúlio Mariano.

Entre as muitas recordações, lembra-se, com orgulho, de ter participado da campanha de arrecadação de fundos para a reforma da antiga matriz de São Miguel. O então pároco, Pe. Pedro Verdumen, havia autorizado o desmanche da igreja. Foi formada uma comissão dos fabriqueiros e membros da comunidade católica de Piquete que não permitiu esse desmanche e assumiu a reforma.

Hoje, frequenta, diariamente, as missas da manhã e ocupa seu tempo com os afazeres da Igreja. Por seus serviços pela comunidade católica, recebeu das mãos do Bispo D. João Hipólito, em 1992, o Diploma de Honra ao Mérito. Figura carismática e alegre, é exemplo de dedicação à comunidade em que vive.

Proteção integral e cidadania: o papel do educador social

A doutrina da proteção integral fundamenta-se no reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direito e pessoas em condições peculiares de desenvolvimento, tornando-as merecedoras de proteção integral por parte da família, da sociedade e do Estado, o qual deverá atuar por meio de políticas específicas para o atendimento, a promoção e a defesa de seus direitos.

Ao refletirmos o Artigo 227 da Constituição Brasileira, queremos reafirmar que as crianças e os adolescentes são cidadãos. E isso não é a base de um discurso, mas a expressão da nossa Constituição Federal e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Esta conscientização é, certamente, um trabalho árduo, tendo na sua essência a conquista da cidadania, que abraça os direitos das crianças e adolescentes em situação de risco ou não, bem como os seus deveres ante o Estatuto e a sociedade. Fazer com que sejam protegidos e respeitados é um dever nosso.

Para tanto, cabe a nós, educadores sociais, lutar no sentido de garantir ao adolescente o resguardo de sua integridade física e moral, na forma dos ditames legais.

O educador social, enquanto agente transformador, que conhece a realidade da criança e do adolescente com quem convive, precisa, de maneira corajosa, atuar junto à comunidade, centros de defesa, ONGs ou outras formas de organização, buscar ações coletivas para que essas crianças e adolescentes, cidadãos, tenham direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Apesar do ECA ser um avanço, as crianças e os adolescentes continuam sendo marginalizados pela discriminação da sociedade.

A bandeira a ser erguida para que se chegue à conquista desses direitos é a do cumprimento da Constituição e do ECA, bem como modificações profundas nas políticas públicas de saúde, educação, economia...

Precisamos acreditar e ter esperanças de que é possível mudar a triste realidade que cerca a vida de milhões de crianças e adolescentes, e para que possamos intervir nessa disposição, dependemos do esforço empreendido por todos os segmentos da sociedade.

Ermelinda Gonçalves Uchoas

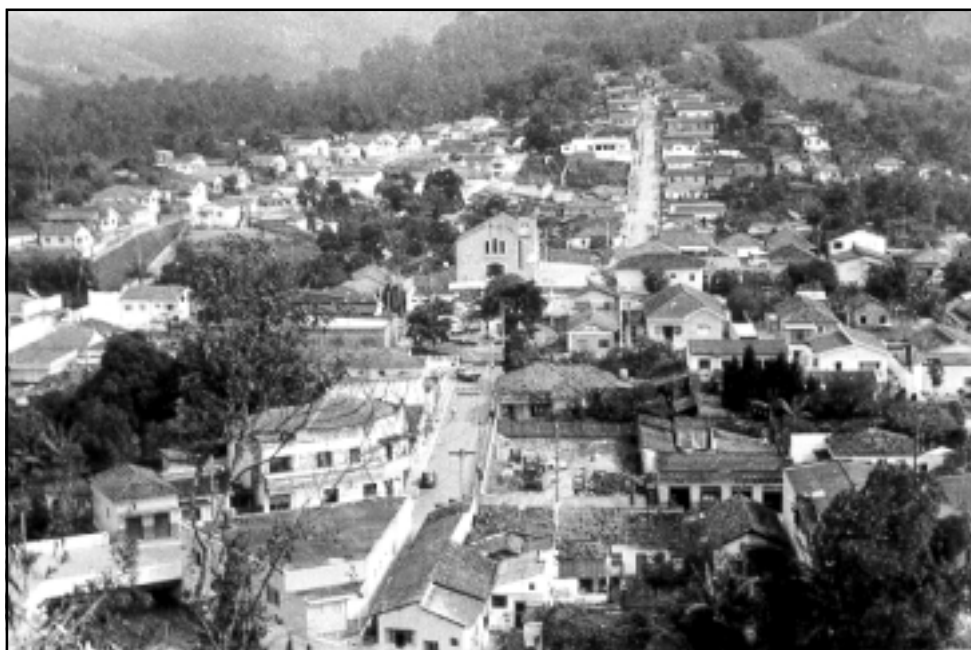


Foto arquivo Pro-Memória

Exposição**“Evangelificação em Piquete”**

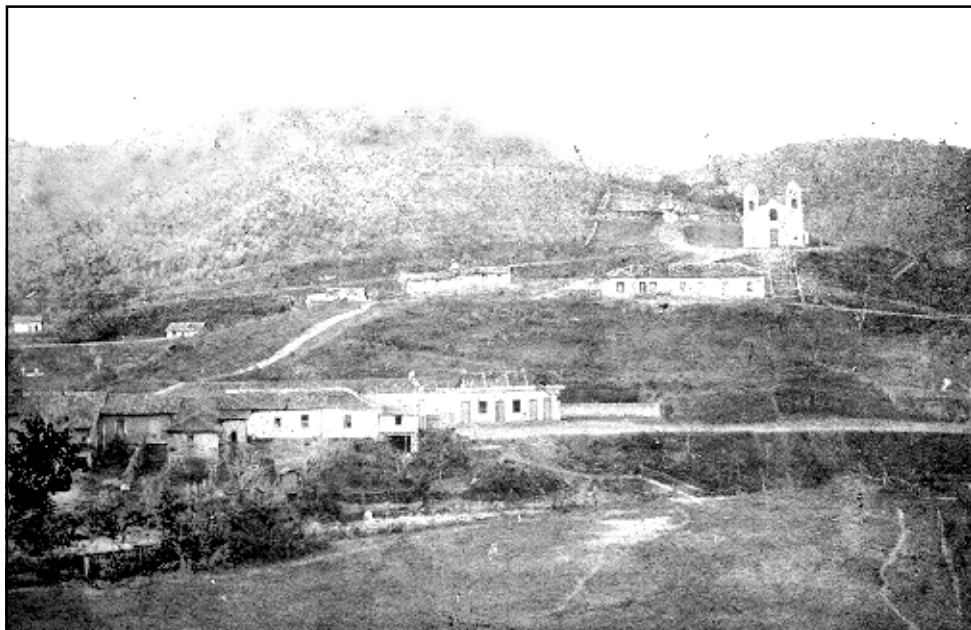
Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”

de 24-06 a 02-07-200

Carta de Caminhos

12 - Nos caminhos, a gestão do novo

Caminhos foram feitos para realizar jornadas, não para ter destinos.



Nos caminhos geradores, Piquete escreve seus destinos indicados pela vetusta Matriz. Vila Vieira do Piquete. Foto de 1906.

Quem percorre caminhos tem um ponto de partida, mas os destinos são incertos, embora as buscas tenham motivos. Assim, os caminhos são distinguidos das estradas. Estas têm bem delineadas as partidas e as chegadas. Para isso são feitas.

Nossa história colonial mostrou-nos que os indígenas abriam caminhos, trilhas elaboradas nas necessidades da sobrevivência.

Os colonizadores e exploradores, na procura de riquezas e de indígenas para apresamento, usaram essas trilhas e abriram outros caminhos. Ninguém melhor do que o índio para ser mestre da terra. O litoral era, nos diferentes pontos, os locais de partida. As chegadas, imprevistas, ao sabor da aventura. A pé, na verdade a gatinhas, inicialmente galgavam-se as escarpas do planalto que se alinha ao longo da costa. Seguiam-se os vales, denteamentos necessários nas encostas íngremes. Vales profundos, cheios de abismos, vertentes escorregadias nas chuvas tropicais ou na névoa úmida. Vegetação exuberante, fechada. Na tropicalidade luxuriante, a beleza das cores entrevistas a matizar os verdes, os bichos à espreita nos reconhecimentos mútuos e o esplendor paradisíaco do desconhecido.

Descobria-se o mundo novo. Os imaginários estavam povoados de relatos fantásticos. Mitos eram criados. Eles, nos caminhos, e estes, neles. Os degraus formados nas encostas permitiam galgar por etapas. Notícias e representações fabulosas animavam os caminhantes. Tentava-se marcar as passagens por uma árvore ou pedra, ou um socavão, ou um tabuleiro natural, ou uma cachoeira, ou um riacho, ou ribeirão. Improvisavam-se roteiros em cartografias rústicas. Estudava-se o céu, para decifrar estrelas. Os próprios nativos liam, nas posições constelares, os acontecimentos e prediziam futuros. Acertavam nas previsões do tem-

po atmosférico. Além disso, explicavam a origem de tudo. Nas lendas indígenas, um universo criado para seres irmãos.

Nos encontros conflituos do colonizador e dos índios, culturas misturavam-se na criação do novo que se moldava, ainda indistinto, para criar o modelo, depois paradigmático. Os jesuítas tentavam entender este modelo e o explicaram. Na tentativa, foram incompreendidos e penalizados.

A chegada dos bois, equinos e muare reformulou os processos de comunicação e de transporte. As tropas de mulas passaram a estender as redes de caminhos que já se imbricavam na criação de um sistema.

O povoamento, decorrente e comandante desses movimentos, se estendeu, e novas áreas foram incorporadas ao espaço reconhecido. Não havia fronteiras fixas, nem respeito aos tratados de limites. As viagens contavam-se em horas, dias, meses, anos. Datas, somente para sair. Relógios não tão importantes, mas as ocorrências a partir do céu e seus astros.

O que há de novo?

A cobiça dos metais e pedras preciosas foi a alavanca principal desses percursos, que, a partir do século XVII, embeveciam as cabeças humanas. Nos rastilhos dos comentários de descobertos, a aventura humana levava homens rudes aos sertões rudes. Mercadorias, dos portos do litoral, venciavam obstáculos terríveis para chegar aos povoados e seus moradores, e não só alimentos, roupas e outros produtos, mas também livros raros e poucos. Livros até considerados muito perigosos!

Algumas obras revolucionárias disponibilizaram no século XVIII. Avisavam de uma nova teoria iluminada. Idéias políticas perigosas! Amalgamadas em todas essas vicissitudes, acontecimentos e ideário, pessoas preparavam-se para constituir um povo que, em sua especificidade, representa, hoje, um

modo peculiar de ser, agir e pensar.

Os caminhos geraram estradas. As produções passaram a ocupar a terra. A organização do território passou a ser motivo de disputas. As fronteiras começavam a se impor. Já se falava de “brasileiros”, no século XIX, apontando para o nativismo, a defesa da área, o desejo da independência. O Reino do Brasil impunha-se mesmo ao rei D. João VI e sua corte instalada no Rio de Janeiro. O Reino do Brasil era mais rico do que a antiga Metrópole colonizadora. Grandes contradições levaram o rei de volta a Portugal, deixando ao filho a missão de cumprir o destino prometido.

No momento do desligamento ou da autonomização, há cidades, vilas, fazendas, grandes e pequenas propriedades e comércio de grosso e pequeno trato. Há hierarquias no nascente Império. Continuam as contradições políticas e os votos das eleições pertenciam somente aos proprietários. A burocracia construída nos labirintos dos papéis deixava nos manuscritos uma história entrevista, cujos atores esmeravam-se por tirar desse cadinho de forças a relevância necessária para se impor ao futuro.

O velho “Caminho do padre José”, aberto por José de Anchieta, transformou-se na Anchieta do planalto para São Vicente e Santos. O “Caminho Novo” deu origem à Imigrantes. Os caminhos dos bandeirantes, partindo da Vila de São Paulo para o sul, norte, oeste e leste no Vale do Paraíba, são os vestígios das instalações futuras da Raposo Tavares, da Dutra, Ayrton Senna, Carvalho Pinto, Anhangüera... Não são, sem motivos, as denominações de bandeirantes, antigos e modernos. As estradas regulares substituem os caminhos incertos. Antes, as roças de abastecimentos, os pousos das caminhadas. Hoje, os supermercados, shopping-centers, restaurantes, postos de serviços, motéis, e todo um arranjo de sinais eletrônicos a controlar os fluxos. Os condutores das tropas transformaram-se em caminhoneiros e motoristas em geral. Suas histórias são semelhantes, excluídas as tecnologias. A velocidade conjugada aos processos industriais recria, a cada momento, um novo modelado numa história somada de 500 anos e numa memória de tempos imemoriais.

Dóli de Castro Ferreira

Correção

No artigo intitulado “Uma boa notícia”, do número 40 desse Informativo, referente ao mês de Maio/2000, à página 4, houve uma troca de palavra que prejudicou o texto. A partir do 7º parágrafo, leia-se “A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) revela que a taxa de natalidade entre os índios está 10% acima da média nacional”, e não como constou.

Indústria... Sem chaminés

(Especial para o aniversário de Piquete)



Foto Alzira Beckmann

Vista da Serra da Mantiqueira, em Piquete. Ao centro, um dos pontos turísticos da cidade, o Pico dos Marins.

Querida terra! Festejas, hoje, mais um aniversário de tua emancipação política e administrativa. Muito justa, sob todos os aspectos, a jubilosa euforia vivida em todos os quadrantes do município, por todas as forças mais representativas de nossa gente.

Ainda ausente do teu convívio diário, compartilho, contudo, de tuas vitórias e dificuldades, visitando-te periodicamente e refazendo o meu espírito ao contato com teu solo abençoado, e sentindo o calor humanos de teus filhos – meus sempre queridos conterrâneos.

Minha terra natal! Com os mesmos sentimentos dos anos anteriores, almejo-te um progresso sempre crescente, dentro de um desenvolvimento coordenado e sem poluição (poluidoras, bastam as indústrias já existentes).

Que tal, ilustres autoridades municipais, pensar com mais seriedade no turismo, uma “indústria” capaz de concorrer para o progresso do município, sem poluir? Por que não? Basta o aproveitamento de nossas belezas naturais, ao mesmo tempo fonte de receita e opções de lazer.

Eis aí, bem pertinho, a majestosa Mantiqueira, não apenas um atrativo para os nossos olhos, antes um verdadeiro oásis de saúde e de bem-estar, em meio a tanta agitação da vida urbana. Inesgotável o seu potencial turístico se bem explorado racionalmente. Montes elevadíssimos como o “Meia-Lua”, o “Focinho de Cão”, o “Ataque” e, sobretudo, o “Pico dos Marins” nos

dois mil e quatrocentos e tantos metros de altitude, ruma quase que ao infinito!

Do perímetro urbano até os limites com Minas Gerais, vários quilômetros de estrada asfaltada, serpenteando em fascinantes meandros, serra acima, com vistas maravilhosas, inclusive com montes enfeitados de pinheiros e pontilhados com enormes blocos de pedras e, por fim, bifurcando na Estrada de São Francisco dos Campos do Jordão, em pleno espigão da Mantiqueira, a dois mil metros de altura, com indescritível panorama e magnífica visão, a “olho nu”, de quase toda a região do Vale do Paraíba. Num ponto mais elevado, a localização de nossas torres repetidoras de canais de televisão. Nas imediações, uma plataforma ideal para vôos de asa delta. E lá embaixo, sorridente, a terrinha sempre querida. Aqui e ali, em pontos da serra, inúmeras fontes de água potável e cristalina, “fria como água da geladeira”.

Muito privilegiados os bairros rurais do “Itabaquara” e “Marins”, com estradas de acesso asfaltadas, apresentando belos campos de cultura, matas virgens com fauna e flora exuberantes, vários rios e ribeirões de águas límpidas e piscosas formando caprichosas quedas, como a cachoeira do Jaracatiá, ora largos remansos tranquilos e profundos, com verdadeiras piscinas naturais, próprias para convidativos banhos e deliciosos mergulhos.

Destaque especial para o “Pico dos Marins”, com suas três agulhas, distintas, a 2422 metros de altitude, um dos pontos

culminantes da região sudeste. De difícil acesso por meios naturais, se não pelos mais corajosos, o Marins e seus arredores se apresentam ideais para escaladas e trilhas em alegres caminhadas. Nas baixadas, terrenos apropriados para construção de hotéis rústicos e/ou sofisticados. Se a Prefeitura Municipal, entidades particulares e empresários corajosos e idealistas patrocinarem, nesta ou em outra região da Mantiqueira, a adequação de áreas para esses empreendimentos, estarão colaborando para o bem-estar dos frequentadores, dando-lhes opções de lazer, a baixo custo e para o progresso do município. Para isso, logicamente, o Poder Público deverá proporcionar condições ideais para a conservação de estradas com acesso aos locais escolhidos, como também providenciar os trâmites legais para o uso de rios e áreas de propriedades particulares.

Com ar puro “de graça”, abundância de frutos saborosos colhidos nos pés das frutíferas, além do nutritivo leite “in natura” e seus derivados, as horas passadas na montanha serão momentos agradáveis de vida saudável, êxtase e purificação para o espírito e elevação da alma ao Criador de tantas belezas. E tudo isso a apenas poucos minutos do centro da cidade, a qual também apresenta, entre outras, algumas atrações como a Escadaria “Mirante” da Rua Thomé Seraphim, a arquitetônica igreja matriz, o majestoso Pórtico com motivos cívico-militares em baixo relevo, o bem organizado Museu Municipal, o “Montanhês Clube” no centro da cidade e o Clube de Campo nos arredores. E inclusive visita às dependências da Fábrica Presidente Vargas – IMBEL (estas dependendo de entendimentos prévios com diretores do da FPV)

Tudo isso seria apenas uma miragem, uma pretensão, um sonho deste modesto cronista? Talvez sim, mas no fundo, mesmo, o desejo incontido de um piquetense “coruja” pelas coisas de sua terra, para a qual almeja um futuro promissor. Exemplos não faltam pelo Brasil a fora, simplesmente promovendo um turismo planejado e racional.

Assim sonho ver-te, um dia, ó minha terra, quem sabe nos teus próximos aniversários: um município desenvolvido, mas sem poluição, porque o teu progresso estará alicerçado na exploração do turismo, uma das poucas indústrias produtoras de progresso... sem chaminés.

João V. Soares

Pórtico da FPV, que delimitava a área militar. Monumento idealizado pelo Prof. César Dória.



Foto arquivo Pro-Memória

Vista parcial do centro de Piquete.

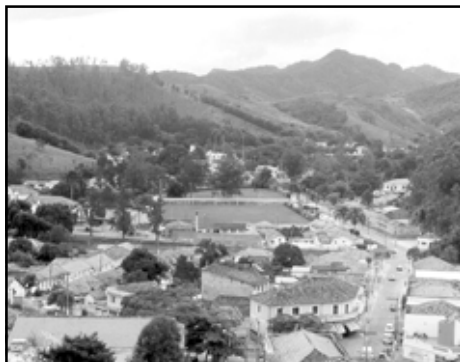


Foto arquivo Pro-Memória

Fazenda Santa Lydia, no Itabaquara. Futura pousada voltada para o turismo.



Foto arquivo Pro-Memória

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

A antiga Matriz de São Miguel

Para minha amiga Eunice Fernandes

Matriz de São Miguel! Nós crescemos à sua volta. Nós a amávamos e a achávamos bela, solene, majestosa. Gostávamos de adentrá-la e contemplar no frescor da sua penumbra o vôo das andorinhas, acalentados pelo tique-taque do relógio Michelin.

Crônica da autoria de Dóli de Castro Ferreira relata que o relógio veio da Europa, na segunda metade do século XIX, presente do Sr. Ignácio Amorim, de tradicional família piquetense. Não sabemos se o desembarque foi no Porto do Rio de Janeiro ou no de Santos. De lá até aqui, imaginamo-lo almofadado em caixas de madeira, em jacás, no lombo de mulas tropeiras, pelos caminhos serranos de Parati e Cunha. Centenário, continua intacto e pontual, a sonorizar o tempo e nossas vidas.

Nas torres arredondadas, dois galos de metal a rodopiar às investidas dos ventos. Brancos, garbosos, parecem de verdade. Certa vez, forte ventania, um deles bateu asas e foi parar no alto do Santo Cruzeiro, motivo de comentários durante vários dias.

Algumas pessoas já me questionaram sobre a simbologia dos galos. Confesso que não sei. Avento duas hipóteses. A negação de Pedro? – “Tu me negarás três vezes antes que o galo cante.” Ou ele, arauto do nascimento de Cristo? Diziam nossos avós que um galo cantara com sonoridades argentinas na memorável noite de Belém. Alguns até o colocavam nos presépios, bem no alto, em lugar de destaque.

O altar-mor, cheio de arabescos, veio da igreja de Santo Antônio de Guaratinguetá. No nicho central a encimar o Sacrário, a pequena imagem de São Miguel, de madeira, leve como uma palha, na mão esquerda a balança da justiça. Estilo barroco, cores vivas, parecia uma festa esvoaçante, as asas abertas como as de um pássaro mitológico. Tão pequeno, quase desaparecia no meio das flores, ele mesmo uma flor mística das colinas eternas.

No forro, pintura em tela, outro Miguel, aguerrido, gestos viris, lembrava um deus olímpico: aos seus pés, demônios cor de carvão subjugados por sua espada de guerreiro das milícias celestiais. As crianças não se cansavam de o contemplar, num misto de curiosidade, espanto e medo.

Quantas vezes ouvimos que suas grossas paredes, de taipa, foram feitas por escravos, mais tarde revestidas de tijolos.

Nos quatro nichos das paredes laterais, imagens bem feitas, embora de gesso, com ar de beatitude, que falavam fun-

do à piedade dos fiéis.

Gostávamos do quarto dos andores. Lá havia imagens, andores, baús recheados de flores, toalhas brancas, panos pretos e roxos, bandeiras, castiçais – tudo guardado com zelo para festas e procissões.

A sacristia era como um reduto sagrado, a ante-sala do presbitério. Cheirava a incenso e a velas de cera. Lá ficavam os vasos sagrados, banhados a ouro, sempre coruscantes – pareciam espelhos. Certa vez, um rapaz os roubou. Carregou o cálice, a patena, as âmbulas, os cibórios e os ostensórios. Ainda profanou o sacrário, as hóstias espalhadas pelo chão. Não satisfeito, defecou em frente ao altar-mor. Foi no casarão de meu avô Chiquinho Máximo que ouvi pela primeira vez a palavra “sacrilégio” e fui testemunha da indignação de todos ante tamanha irreverência.

Os quadros da Via Sacra eram belos e artísticos – despertavam piedade e comoção. Infelizmente, foram substituídos por uma Via Crucis de gesso, de mau gosto.

As duas capelinhas laterais foram demolidas. Por quê?

Os bancos foram nossos companheiros de catecismo. Em cada um, uma plaquinha oval, branca, com a inscrição azulada – “Lembrança de Tita Cardoso”. Tita Cardoso, o nome de batismo Edelvira, era filha do Capitão José Monteiro de Brito, um dos prefeitos de nossa cidade. Casou-se bem jovem com o sergipano João Cardoso, que estudara em Guaratinguetá e viera ministrar aulas de Francês no antigo Grupo Escolar de Piquete. Por motivos imperiosos, ele teve que retornar a Aracaju, acompanhado de nossa Edelvira. Lá, ela faleceu. Lá, está sepultada. E ele, em sua homenagem, ofereceu à matriz os bancos de madeira.

A antiga matriz, aos poucos foi despojada de tudo. Deixou de ser a Matriz de São Miguel; hoje, “Capela das Almas”. Perdeu a coroa, mas não perdeu a majestade. Na boca do povo continua Matriz – a “velha matriz” ou a “antiga matriz”. Nela fomos batizados e crismados, amigos e parentes abençoados para a sepultura.

Ela é uma relíquia, um repositório de lembranças mescladas de fé e comoção. No topo da colina, destaca-se como uma das marcas emblemáticas de Piquete.

Na comemoração dos 109 anos de nossa emancipação política, cumpre-nos reverenciar o velho templo plantado na nossa história e símbolo da nossa fé.

Crônicas Pitorescas

Lembranças de um 15 de Junho

Palmyro Masiero

40 anos atrás... 15 de junho de 1960, 60º aniversário de nossa emancipação política. Ainda tínhamos a Corporação Musical Piquetense; logo, alvoreada às cinco da matina, acordando os dorminhocos para o festivo dia que, por sinal, amanheceu perrengue.

A Comissão dos Festejos preparou programação representativa; todavia, aconteceram algumas mudanças devido ao tempo ranheta. A Missa Campal, por exemplo, que aconteceria frente à “placa comemorativa” – presa à pedra onde teria acantonado o piquete de cavalaria das tropas de Caxias em 1842, o que teria dado nome à cidade – foi celebrada na igreja de São José, pelo Cônego Hiran. Em tempo: no ano de 1842, o povoado já era denominado Bairro do Piquete.

Um fato marcante, demonstrando a grande sensibilidade do Prefeito, Sr. Luiz Vieira Soares, foi a inauguração dos calçamentos das Ruas do Piquete e Oliveira Braga e Avenida Cons. Rodrigues Aves. Para cortar a fita simbólica inaugural, ele convidou o morador mais antigo de cada uma delas a fazê-lo. Assim, para a Rua do Piquete, o Sr. José Costa; para a Oliveira Braga, D. Ana de Lucas e para a Av. Cons. Rodrigues Alves, o “seu” Lopes. Belíssima homenagem aos que mais pó comeram onde moravam.

Após o almoço às autoridades e convidados no Hotel Brasil, todos tomaram o rumo da Câmara Municipal, onde seria realizada uma sessão especial. Nesta foi inaugurado o retrato do ex-governador do Estado, Jânio Quadros, que estava em plena campanha para a presidência da república. Como símbolo da batalha eleitoral, Jânio usava a vassoura. Foi eleito com votação espetacular. Tomou posse em 31 de janeiro de 1961, e sete meses mais tarde montou na vassoura e se mandou. Como jamais vi esse retrato novamente, é bem provável que também o tenham vassourado da galeria da Câmara.

A retreta marcada pela Comissão não se realizou. É que, antes dela, aconteceria, no salão da Associação Comercial, uma sessão solene. Esta alongou-se bastante, com vários oradores se revezando – teve até um piquetense que destoou em discurso –, ficou tarde e, por cima, o mau tempo pondo todo mundo pra dormir mais cedo. A Corporação Musical terminou por executar alguns números no próprio salão.

Finalmente, aconteceu um jogo de futebol entre A.A. Portuguesa e o Vila Esperança, em disputa da taça “15 de Junho”. Antes do jogo, o Prefeito seria homenageado, mas como a tal sessão solene arrasou-se demais, a partida teve início. No intervalo do 1º para o 2º tempo do jogo, o Prefeito chegou e foi saudado pelo Sr. José Osmar D’Amico. O chefe do executivo, em breves palavras, agradeceu as homenagens e elogiou o esporte bretão que tantas glórias trouxe para Piquete.

E deu o ponta-pé inicial... do 2º tempo.

“Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros.”

Marilena Chaui

Passando em tapetes



Procissão de Corpus Christi passando pela Praça Duque de Caxias, em Piquete. Foto da década de 60.

Sair na quinta, à tarde. Após almoço, sob mormaço. Lenta e preguiçosamente aproveitar o feriado, o descanso no meio da semana. Corpus Christi me lembra roupa branca, meninas enfileiradas carregando bandeiras. Me lembra que, meio moleca, meio criança, carregava uvas durante a procissão.

Corpus Christi: o percurso era enorme, todos cantavam e rezavam. As irmandades enormes: São Benedito, Sagrado Coração, Filhas de Maria, nós cruzadas e todo o povo de fé. Todos acompanhando o Corpo Vivo do Cristo onipresente.

Neste Corpus fiz o contrário: ao invés de acompanhar, fiz a minha procissão. Procissão pelas ruas que recebiam ornamentos e que seriam tapetes na procissão da tarde. Desde a matriz, caminhando sem fazer caso, olhando fui. Areia branca, areia fina. Finas areias que se coloriam nas mãos do povo. Areia branca, que quase por mistério ficava amarela, vermelha, verde e se coloria... e se coloria... e coloria o chão. Cores suaves e cores berrantes. Misturanga. Como o povo que se reunia e se misturava. Branco com preto, vermelho com menino, gente com gente. Tudo eram cores e mãos. Parecia uma festa que precedia a grande festa. Todos juntos. Misturando areia, encapando tampinhas, medindo o chão, desenhando a giz, encorpando a areia. As crianças matraqueavam. Feito semana santa. Carrega aqui, var-

re ali, “olha o cachorro no tapete!”. E todo o cuidado para não estragar o que já ia pronto. Tantos rostos vi. Tanta gente me viu. E fui andando até chegar às escadas da igreja de São José. Que coisa linda o grande tapete ornamentando! Junto a ele o grande tapete humano de mãos e cabeças (não sei qual o mais bonito). Numa intimidade quase normal. Quase cotidiana. Enfeitavam e se sorriam. Brincavam. Quase amigos. Todos. Eu vi no chão margaridas, cálices, cruzes, outros enfeites. Vi as uvas vivas no tapetão feito rua. Uvas cobiçadas pela criança. Planos faziam para pegá-las. Como pegá-las após a passagem do Santíssimo? O tempo enfeitava lá pelos lados da serra. Parecia que ia chover. Mas não! Aquela beleza de cores e de gente não foi desfeita.

À passagem do Santíssimo, o recato. A compenetração e a humildade de todos. Tão pequenos éramos àquela hora. No momento exato, diante do altar, a procissão parou e recebemos, ali mesmo, a bênção tão esperada e nos emocionamos até as lágrimas. Passando o Santíssimo, a farrá, a brincadeira no desmanchar dos tapetes. A hora era aquela, pra desmanchar o feito tão trabalhoso. Alegria do povo combinando com alegria do Deus passante. Alegria no desfazer o material e adorar o Espiritual. Adorar juntos o Espírito de Corpus Christi.

Eunice Ferreira

Tapete para procissão de Corpus Christi



Foto arquivo Pro-Memória

Rua São Miguel decorada para a procissão de Corpus Christi.



Foto arquivo Pro-Memória

Predição Joanina

“Filho de Santa Isabel, primo de Nosso Senhor, cabeça que Salomé num prato de ouro beijou...”

Não. Nenhum desses é o “meu” São João de outrora. O “meu” da minha devoção primeira, o das minhas rezas criancinhas é aquele estampado em pano e erguido no mastro enfeitado de flores cor de fogo batizadas com seu nome.

Aquele Batista, tal qual aparece na bandeirola quadrada: menino de cabelos crespos, com um cordeirinho nos braços.

Aquele do terreiro batido e da fogueira fagulhante, a cuja volta a gente dançava de roda, se estouravam bombinhas, e as lágrimas coloridas dos pistolões na noite frigidíssima.

O “meu” São João é aquele que espiava do alto as superstições das meninas românticas, que deixavam pernoitar sobre o peitoril da janela, dentro do transparente bojo de um copo, uma clara de ovo, para, de manhãzinha, descobrir a sua “sorte” que a clara de ovo formara: um navio, um altar, um véu de noiva... Ou quem sabe, a tênue haste de um dente de alho plantado na véspera da misteriosa noite teria brotado, indicando próximo matrimônio?...

Ah! As predições joaninas!... Saudades muitas do “meu” São João! Das superstições dos namorados olhando no lago, à meia-noite, para ver no espelho das águas a face querida do bem-amado.

Ainda me recordo de tia Neném rezando contrita “Salve Rainha”, deixando pingar gotas de vela sobre uma bacia com água. As gotas ziguezagueavam na água cristalina, formando as iniciais do predeterminado marido!

Crendices? Superstições? Folclore? “Causos” de antigamente...

Mas, há que tempos no Tempo acaba de me levar o menino Batista?

Será que era assim, tão longa e mágica sua noite que me levou a um sono profundo, do qual ainda não acordei?

Será que era tão fria a sua noite, que cobriu de geada meus cabelos?...

E as predições joaninas se perderam no tempo? As românticas e sonhadoras meninas, por onde andarão?

Difícil responder a essas indagações. Mas, sinto que “meu” São João viverá para sempre em minhas lembranças.

Eunice Fernandes

A Fundação Christiano Rosa parabeniza os poderes constituídos e o povo piquetense pela passagem do 109º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete.

Folclore & Turismo



“Corrida de São João”, com partida da Praça Duque de Caxias. Foto de 24-06-1956

“Caminho da roça... anarriê... coroa de rosas... tour... lá vem a chuva... a ponte quebrou...”

É possível que em outras cidades muitos desconheçam estas ordens de comando, mas em nossa Piquete, poucos não saberiam identificar este palavreado com os diversos passos ou movimentos de uma agradável dança de quadrilha.

A ornamentação caracteristicamente caipira, os foguetes, a música, o traje típico, a imprescindível fogueira e o arraial todo vestido de alegria incentivavam a natural manifestação popular.

De especial atenção se revestia o casamento caipira, com todos aqueles lances de comichade sertaneja, dirigidos quase sempre pelo já tradicional “vigário”, a simpática “figura” do popular Zé das Moças.

Para o entretenimento da rapaziada, não podia faltar o “pau-de-sebo”. O valor do prêmio tinha importância secundária; de maior valia era a satisfação e o sentimento de heroicidade do moleque ao atingir o objetivo, depois de seguidas tentativas, sob o aplauso popular.

Quentão, mandioca, melado, o bolo do casamento e outros comestíveis completavam as alegrias juninas.

Todos esses atrativos representavam a mais pura e autêntica manifestação do sentimento popular, tão vivo em nossa cidade.

Durante o mês de junho, podiam ser constatadas várias “festanças” em vilas, escolas e fazendas, nascidas da iniciativa espontânea de amigos ou vizinhos de uma rua ou praça.

Em muitas cidades, a projeção alcançada por certos folguedos folclóricos provoca sua exploração como atração turística, haja vista as festas de São Benedito em Guaratinguetá e Aparecida ou a Festa do Divino em Cunha e em São Luiz do Paraitinga, entre outras.

Não seria esta mais uma oportunidade de se resgatar, estimular e propagar nossas festas juninas regionalmente, com objetivos turísticos?

Feita a sugestão aos órgãos competentes, fica a tarefa de se estudar sua viabilidade, tendo-se em vista os seus possíveis benefícios à nossa cidade. **Lenoel J. Gomes**

Gestão do lixo

Celso Colombo

Como deve ser do conhecimento de muitos, o lixo doméstico, impulsionado pelo desenvolvimento industrial, está se constituindo em grave problema para as administrações municipais. Como orientação geral, a política dos Governos Federal e Estadual objetiva acabar de vez com os lixões onde grupos de excluídos retiram parte de seus sustentos. No Estado de São Paulo, o atual Governo definiu duas importantes ações para o lixo: a obrigatoriedade de aterros e valas para municípios com população inferior a 25 mil habitantes e a criação de Centrais de Triagem. Essas duas ações foram abordadas no Seminário sobre “Lixo Municipal e Gerenciamento Integrado”, ocorrido em 23 de maio, no Auditório Simon Bolívar, nas belíssimas dependências do Memorial da América Latina, em São Paulo. Esse Seminário reuniu cerca de dois mil participantes das mais diversas regiões do país, impressionando a Presidente do Compromisso Empresarial para a Reciclagem

(CEMPRE), Dra. Roseli Barone, o Diretor do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado (IPT), Eng. Plínio Assman e, o Secretário Estadual da Ciência e da Tecnologia, Deputado Federal José Aníbal. Nossa presença nesse Seminário permitiu conhecer de perto as experiências bem sucedidas em Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte. Experiências essas que, respeitadas as devidas proporções, poderiam muito bem ser aplicadas em nossa cidade que, mesmo lançando mão de valas e aterros, ainda não solucionou por inteiro o problema do lixo. Um programa de Educação Ambiental poderia conduzir nossa gente à sensibilização e à conscientização sobre a problemática do lixo e, como consequência, inserir nosso Piquete entre as cidades que efetivamente cuidam de seu lixo e da saúde de seus cidadãos. Como consequência natural e lógica, pontos positivos para Piquete que sonha ser uma cidade turística. **celsocolombo@bol.com.br**

Notas da Cidade

□ No dia 5 de maio, o Colégio Objetivo comemorou o Dia Mundial do Meio Ambiente. Contando com a presença de alunos, professores e convidados, promoveu exibição de filmes, passeata e exposição. A FCR parabeniza a diretoria da escola e os organizadores pela iniciativa, lembrando que o Meio Ambiente é o maior patrimônio que possuímos.

□ Também o Colégio Objetivo promoveu uma caminhada ao Pico dos Marins com seus alunos do curso técnico de turismo. O grupo, integrado por professores, alunos e convidados, contou com 47 pessoas. Todos que participaram do passeio ficaram admirados com a beleza do lugar. O Pico dos Marins é uma amostra do potencial turístico de nossa cidade que deveria ser racionalmente aproveitado.

□ A Câmara Municipal realizou, no dia 14 de junho, sessão solene em comemoração ao 109º aniversário de emancipação político-administrativa de Piquete, ocasião em que a Prof. Dóli de Castro Ferreira, homenageada com o Diploma da Ordem do Mérito Municipal, discorreu sobre a emancipação de Piquete e a organização da cidade.

□ O Rotary Club continua trabalhando em prol de nossa comunidade: no dia 7 de junho deu início ao seu “Banco de Cadeira de Rodas”, que atenderá à população de Piquete. Promoveu, também, a instalação oficial da Associação dos Deficientes Físicos e Mentais de Piquete, que funcionará em espaço gentilmente cedido pelo Clube.

TRE cria postos de Atendimento no Interior para emissão de certidão de crime eleitoral

A Corregedoria Regional Eleitoral do TRE de São Paulo criou 14 postos de atendimento no interior do Estado, que funcionarão no período de 1º de junho a 7 de julho, para expedição de certidões criminais eleitorais.

Os postos foram criados para evitar que o candidato residente no interior tenha que se deslocar até a sede do TRE, na Bela Vista, em São Paulo, para obtenção do documento, como aconteceu em eleições passadas.

A certidão criminal eleitoral é um dos documentos exigidos pela legislação para o registro de candidatura. Ela certifica se o candidato responde a algum processo perante a Justiça Eleitoral.

Além da certidão criminal e eleitoral, o candidato deve instruir o pedido de registro com certidões criminais fornecidas pela Justiça Federal e Estadual, entre outros documentos.

O registro da candidatura será indeferido se houver decisão com trânsito em julgado condenando o candidato.

O prazo para registro de candidaturas pelos partidos ou coligações termina dia 5-07.

Os postos de atendimento estão distribuídos nas cidades de Campinas, Franca, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Santos, São José dos Campos, São José do Rio Preto e Sorocaba. Os candidatos também poderão solicitar o documento no TRE, se assim desejarem.

Assessoria de Imprensa e Comunicação do TRE-SP - (0xx11 3107-0244/232-1588r.218)